



# Projeto Conexão Local 2007

**BONEQUINHAS SOLIDÁRIAS:  
UMA PARCERIA VISÃO MUNDIAL,  
ÉTICA SOLIDÁRIA, SEBRAE  
E O BOTICÁRIO**

**Alunos**  
Alan Broner  
Sofia Reinach

**Tutores**  
Professor Peter Spink  
Ilka Camarotii

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>03</b>
<b>Problemáticas Contextuais.....</b>	<b>03</b>
<b>Bonequinhas Solidárias .....</b>	<b>05</b>
- Descrição.....	05
- Olhares.....	08
- Análise dos Olhares .....	11
- Discutindo as Possibilidades .....	18
<b>Conclusão.....</b>	<b>21</b>
<b>Referências.....</b>	<b>24</b>

## Introdução

Muitas pequenas regiões do Nordeste brasileiro, ao serem colocadas no contexto econômico mundial, podem ser consideradas regiões à margem do processo de inserção econômica global. Essas regiões são seriamente atingidas pela enorme desigualdade social que vive o Brasil e representam uma das partes mais pobres do mundo.

Quando comparamos a média dos rendimentos individuais mensais no Brasil, percebemos que a média nacional fica em torno de R\$909,10. No Sudeste essa média é mais alta, atingindo R\$1084,20, enquanto que a média do Nordeste é menor, alcançando R\$533,40. No entanto, existe outra variável, se o trabalho é formal ou informal. Esses números são válidos para os que possuem carteira de trabalho assinada, porque aqueles que trabalham informalmente tem rendimento médio de, aproximadamente R\$303,10. As discrepâncias na realidade nordestina são grandes em diversos aspectos, 40% da população recebe apenas R\$150,50 em média pela sua atividade profissional. Além disso, analisando o IDH da região, classificado com 0,683 pontos, verifica-se que esse número é inferior à pontuação obtida por países como Samoa Ocidental e é similar a países como Honduras e Vanuatu.

No entanto, os problemas encontrados pelo Nordeste não são exclusivamente dos dias atuais. Desde a colonização, que a região é explorada e com a chegada dos escravos e sua posterior libertação em 1888, a desigualdade social sempre foi marcante na região. Com o decorrer do tempo, o Brasil foi se desenvolvendo, mais especificamente o Sudeste, na região de São Paulo, e com isso a migração de nordestinos para o sul do país foi inevitável, pois as expectativas dos retirantes não poderiam ser piores do que a vida que levavam. Isso porque as notícias que São Paulo precisava de mão de obra para promover seu desenvolvimento já corria o país.

Assim, para tentar resolver esse problema e também para desenvolver a região, em 1959 foi criada a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Esse órgão, após inúmeros escândalos de corrupção foi extinta em 2001, no governo do Fernando Henrique Cardoso.

Atualmente, existem muitas iniciativas, tanto públicas como por parte de ONGs, que visam diminuir essas desigualdades sociais e promover o desenvolvimento local de grandes cidades e pequenas comunidades no interior dos estados. Quando falamos de grandes programas, as mudanças ocorrem, principalmente, em questões de infra-estrutura, o que é um grande avanço, mas muitas vezes não resolvem os grandes problemas tão recorrentes no interior. Para esses problemas, a realização de pequenos programas que lidam diretamente com as comunidades locais tem uma efetividade comprovada e muito eficiente. Além disso, a realização desses programas é mais barata e envolve menos burocracia e tempo, do que os grandes projetos.

O projeto “Bonequinhas Solidárias” aqui discutido é uma iniciativa que traz novidades para o rol de experiências de geração de renda em pequenas comunidades já que mescla a preocupação com o desenvolvimento local com a necessidade de inserção dessas cidades num contexto nacional e até mundial. É um projeto que vislumbra fazer alguma diferença na situação de pobreza do Nordeste, gerando renda através do artesanato.

### 1. Problemáticas Contextuais

Durante o processo de avaliação do Projeto “Bonequinhas Solidárias” realizado pela Visão Mundial e pela Empresa ÉTICA - Comércio Solidário, foi possível perceber que existem algumas dificuldades no projeto que não são particularidades dessa iniciativa. Observamos que existem outras experiências de naturezas parecidas que enfrentam problemas parecidos ao das produtoras de bonequinhas.

O programa “PROVE”, projeto que visa a inclusão social através da geração de renda de pequenos produtores, transformando sua pequena propriedade em uma agroindústria de pequeno porte. Como no caso das bonequinhas, os responsáveis pelo programa procuraram os produtores e incentivaram a participação deles. O programa consiste basicamente num financiamento para o produtor equipar sua propriedade com a infra-estrutura necessária, além de receberem uma ajuda inicial para gerir o negócio.

Um problema comumente encontrado eram as precárias propriedades e as más condições de produção, dificultando a realização do trabalho. Além disso, a maioria dos produtores estavam tendo contato com o ambiente empreendedor pela primeira vez e, portanto, tinham dificuldades no estabelecimento do ritmo de trabalho exigido para tais atividades. Aconteceram também casos em que os produtores esperavam muito do programa e tinham receio de realizarem suas atividades sozinhos. Sendo assim, os organizadores do projeto tinham dificuldade em alcançar o objetivo de que os produtores fossem autônomos na gestão dos seus empreendimentos. O projeto, ainda em andamento no Mato Grosso do Sul, tem diversas situações como resultado. Os produtores que continuaram investindo seus ganhos na sua propriedade prosperaram muito, adquiriram independência e já diversificam suas atividades. Outros começaram a ter problemas cada vez maiores na gestão do negócio, como dificuldades no transporte de mercadorias e falta de clientes<sup>1</sup>.

Outro caso de sucesso é o do projeto realizado em Belo Horizonte (MG), chamado Asmare. O projeto consiste numa Associação de catadores de lixo, que nasceu da união de catadores autônomos e que, juntos, superaram diversos desafios. Antes a atividade de “catação” era vista como algo marginal e que a prefeitura acabava por tentar deter. Assim, a Associação pôde fazer desse trabalho algo reconhecido como digno. Outro empecilho foi o estocamento do papelão. Antes a armazenagem era muito complicada, pois não havia lugar para isso. Depois da formação do grupo de catadores, eles conseguiram um galpão para guardar tudo com segurança. Com a atividade organizada, a geração de renda foi mais rápida e os resultados na vida das pessoas aparente<sup>2</sup>.

Os ganhos dos catadores não se resumiram à renda. O olhar da sociedade perante essa nova atividade mudou radicalmente, hoje são encarados como trabalhadores, o que aumentou muito a auto-estima de todos eles<sup>3</sup>.

É interessante notar que quando uma nova atividade é criada, outras novas opções de geração de renda aparecem, isso é comum para todos esses casos. No caso da Asmare, surgiu a atividade de consertadores dos carrinhos utilizados pelos catadores, uma nova alternativa que mudou a vida de outras pessoas indiretamente<sup>4</sup>.

Agora, se aproximando do artesanato e da importância das associações, como acontece com as “Bonequinhas Solidárias”, pode-se verificar a experiência dos artesãos de Olinda. Foi criado um centro chamado Escola Livre, em Olinda, que visa fortalecer o artista, dando oportunidades para eles venderem sua arte por um preço que achem justo, ao contrário do que acontece normalmente, quando as galerias pagam um preço muito baixo pelo artesanato. Além disso, é um lugar para os artistas se conhecerem e trocarem experiências profissionais e mesmo pessoais. Um resultado interessante da iniciativa é a formação de grupos de artistas, capazes de gerir seus próprios negócios, e com total poder sobre seus trabalhos. Assim, mais uma forma de produção organizada autônoma pode fazer com que produtores se tornem emancipados economicamente<sup>5</sup>. No projeto das “Bonequinhas Solidárias”, pudemos observar que existem alguns problemas recorrentes que impedem a realização satisfatória dessa cadeia produtiva. Alguns são particulares do projeto, outros coincidem com outras iniciativas. Essa análise sobre as problemáticas coincidentes dos projetos citados nos traz questões importantes sobre as problemáticas enfrentadas por projetos de geração de renda baseados em cadeias produtivas.

<sup>1</sup> Filme: PROVE

<sup>2</sup> Filme: Práticas Públicas em Construção – Vol. 1

<sup>3</sup> Idem

<sup>4</sup> Idem Ibidem.

<sup>5</sup> Filme: Escola Livre de Olinda

A primeira dela e mais visível é o público alvo que nunca teve contato com o mundo empreendedor e que, portanto, tem muita dificuldade de se inserir nessa lógica mercantil. Além disso, muitas vezes são pessoas que não tiveram um ensino formal exemplar e nem tampouco uma estrutura social adequada para que isso ocorresse. Em geral a auto-estima dessas pessoas está muito ferida e a estrutura emocional muito abalada. Muitas vezes são pessoas que passaram a vida inteira dependendo de programas governamentais e que tem dificuldades diversas no caminho para a emancipação econômica.

Uma segunda perspectiva que pode ser abordada é a do contexto competitivo atual que não dá chances para o aprendizados que levarão à emancipação do empreendimento. Ou seja, as exigências com tempo e qualidade são muito grandes e as grandes empresas acabam por atropelar esses pequenos produtores. A insitência e perseverança no projeto precisa ser muito grande por parte de todas as pessoas envolvidas até que seja possível chegar a um equilíbrio possível que garanta a sustentabilidade desses empreendimentos.

Por outro lado, também é possível observar que a associação dessas pessoas, formal ou informalmente, faz com que elas se fortaleçam como grupo e possam lidar com suas questões pessoais e profissionais de forma mais cooperativa. Os esforços conjuntos trarão mais resultados financeiros e mais amparo nas problemáticas individuais dessas pessoas.

Assim, é nesse contexto em que se inserem algumas das questões enfrentadas pelas mulheres do interior de Pernambuco que fazem parte do projeto das Bonequinhas Solidárias. Ou seja, a partir dessas prerrogativas é que as discussões sobre esse projeto serão feitas.

## 2. Bonequinhas Solidárias

### 2.1 Descrição

O programa das “Bonequinhas Solidárias” é mais um exemplo de tentativa de inserção econômica que está ocorrendo no Nordeste. Esse programa é desenvolvido pela parceria formada pelo SEBRAE Nacional, Visão Mundial, Ética e “O Boticário”, e já está beneficiando muitas mulheres do interior de Pernambuco.

A Visão Mundial é uma ONG criada em 1950, hoje presente em mais de 100 países, que busca enfrentar a pobreza e a exclusão social. Essa organização foca seus esforços em crianças e adolescentes, criando programas para fortalecer a saúde, educação, desenvolvimento econômico e comunitário, em comunidades extremamente vulneráveis. Para realizar essas mudanças estruturais nas comunidades, a Visão Mundial criou o PDA (Programa de Desenvolvimento de Área), que é um programa que ajuda a comunidade local a se desenvolver juntamente com um fortalecimento institucional e contando com a participação da população local, para que eles consigam continuar esse desenvolvimento independentemente da ONG.

A Ética é uma empresa Ltda. gerida sem fins lucrativos. Seu trabalho consiste em fazer a ligação entre o produtor e o comprador, recebendo apenas uma porcentagem sobre a venda que é destinada a pagar as contas da empresa, com o objetivo de tornar a empresa sustentável. A empresa representa muitos produtores das mais diferentes categorias de produtos, desde artesanato até agropecuária. Faz-se importante ressaltar que a Ética pratica um comércio baseado nos princípios do comércio justo e solidário, que tem como princípio básico a remuneração justa ao produtor pelo seu trabalho, além de outros princípios como a proteção aos direitos da criança, a promoção da mulher, o desenvolvimento sustentável e o respeito ao meio ambiente.

O programa das “Bonequinhas Solidárias” surgiu quando o SEBRAE Nacional buscava alguma instituição que se interessasse por um dos programas que estava desenvolvendo. O programa consistia na orientação de pequenos produtores a lidar com grandes compradores e, principalmente, facilitar essa ligação. Coincidentemente, nesse mesmo período, a Visão Mundial estava iniciando o projeto das Bonequinhas Solidárias e precisava de investimento para desenvolver o programa. Sendo assim, a parceria Visão Mundial e SEBRAE Nacional foi consolidada: a Visão Mundial executava e o SEBRAE Nacional financiava. A idealização do projeto pela Visão Mundial se deu após o “O Boticário” manifestar interesse em ter um programa de responsabilidade social baseado nos princípios do Comércio Justo juntamente com a Visão Mundial. Após uma longa procura por um produto, chegou-se a Bonequinha Solidária que representava algo possível de ser feito e que seria bem aceito pelo público do O Boticário.

Depois de acordada com o “O Boticário”, a Visão Mundial procurou Nilza, uma mulher chamada Nilza, uma moradora de Gravatá, uma cidade do interior de Pernambuco, mais especificamente em Gravatá, , que já trabalhava com esse modelo de boneca que a ONG estava procurando, e pediu para ela ensinar outras mulheres a técnica de fazer a boneca. A “bonequeira” atendeu prontamente, e assim foram contratados designers para catalogar todos os passos da produção. Com todos os passos catalogados, foram recrutadas pessoas interessadas para aprender o ofício e repassar para os futuros grupos produtivos. Foi nessa etapa que os grupos produtivos começaram a se formar. Na realidade alguns grupos já existiam antes do projeto, alguns já trabalhavam com artesanato e outros não. Finalmente se formaram nove grupos produtivos, sendo que um deles se formou mais tarde num contexto completamente diferente que será tratado mais adiante. É importante ressaltar que cinco grupos se localizam no município de Gravatá, um no município de Carpina, um em Garanhuns, um em Tracunhaém e um em Limoeiro.

O trabalho feito com os grupos será de formação para a produção de bonequinhas de pano de aproximadamente três centímetros. Os grupos variam de tamanho mas devem ser autogeridos, de maneira horizontal pelas produtoras. A Visão Mundial será a instituição responsável pela formação desses grupos e acompanhamento desses grupos até que eles possam ser independentes. O escoamento da produção fica por conta da empresa Ltda. ÉTICA.

O trabalho de acompanhamento da produção feito pela Visão Mundial começou pela formação dos grupos e ensinamento das técnicas de produção. Hoje estão na fase chamada de “fortalecimento de grupo” em que uma profissional da Visão Mundial passa por cada grupo uma vez por semana ou quinzenalmente promovendo oficinas. Essas oficinas consistem em passar conceitos de gestão e do processo produtivo para que o entendimento do projeto seja maior por parte das participantes.

A produção da boneca é composta por 17 passos. Desta maneira, a produção fica dividida e cada mulher se especializa em fazer uma parte. Ao serem perguntadas quase todas as mulheres dizem saber fazer a boneca inteira (recomendação da Visão Mundial), no entanto para a grande produção cada uma fica com uma parte e uma fica com a montagem final. Cada grupo possui uma ou duas lideranças escolhidas pelo grupo ou alguém que está no projeto a mais tempo (“cargo” não rotativo). Essa pessoa tem funções especiais e um bônus na sua remuneração.

Quando o grupo acaba um pedido, a produção vai para a ÉTICA onde passa por um controle de qualidade (ver quadro, pg 12), as bonecas reprovadas voltam para o grupo e a remuneração liberada é referente à produção aprovada. O sistema de remuneração foi feito a partir do tempo que se leva para produzir cada parte. Desta maneira, a Visão Mundial e ÉTICA buscaram estabelecer uma remuneração justa para todas as produtoras. Ou seja, além de 30% do preço final do produto ser das produtoras, ainda existe um sistema de remuneração feito para que peças mais trabalhosas ganhem proporcionalmente a mesma coisa que peças mais rápidas. Ou seja, a remuneração feita pela quantidade produzida é proporcional ao tempo médio levado para fazê-la.

O motivo pelo qual a concentração dos grupos acontece em Gravatá, se dá pelo fato de que esse tipo de artesanato já ser tradicional na cidade. As bonequinhas lá produzidas são conhecidas como “Bonequinha da Sorte”. Além disso, a Nilza, como moradora da cidade, teria facilidade na passagem do conhecimento. Gravatá é uma cidade de aproximadamente 70.000 habitantes, e com uma área territorial de 513 Km<sup>2</sup>. Os grupos que ficam nessa cidade são: Serc, Caminho, Maria Menina, Companhia das Artesãs e Casa da Mulher.

O grupo do SERC é composto por mães de crianças que freqüentam o Serc, local destinado ao desenvolvimento de crianças portadoras de deficiências mentais. As produtoras desse grupo não eram artesãs antes do projeto iniciar, então esse grupo enfrenta muitas dificuldades com a qualidade da produção. Além disso, o grupo não apresenta uma liderança muito forte, o que atrapalha a formação do grupo.

O grupo Caminho é de uma associação numa comunidade carente da cidade. Este grupo apresenta uma grande coesão, muito influenciado pela grande capacidade de liderança da líder do grupo. Além disso, as mulheres já se conheciam e eram amigas, facilitando a evolução do grupo. Ainda é importante citar que algumas das mulheres já eram artesãs, já tendo, portanto habilidades manuais para esse tipo de trabalho. Com isso os resultados obtidos são excelentes, melhorando significativamente a renda das produtoras.

O grupo “Maria Menina” também é formado por moradoras de uma comunidade local. Esse grupo teve uma formação um tanto quanto forçada, pois a líder impôs desde o início a sua liderança. Ela centraliza todas as atividades e decisões que precisam ser tomadas. Mas, mesmo com todos esses problemas, os resultados obtidos podem ser considerados muito bons, contribuindo bastante com a renda das produtoras.

A Associação das Artesãs é um grupo localizado em um centro de artesanato da cidade. Mas apesar de ser apadrinhado por um centro de artesanato, nem todas as mulheres eram artesãs anteriormente. O grupo não aparenta ser muito coeso, e assim a produção, principalmente de quem não era do ramo, fica extremamente prejudicada, fazendo com que os resultados não sejam tão expressivos.

E, finalmente a Casa da Mulher é um grupo que apresentou um início turbulento, com algumas mulheres desistindo do trabalho por conta da relação com a Ética e Visão Mundial. No entanto, é um grupo que apresenta uma liderança muito boa e, depois de superada a crise inicial tem boas perspectivas para o futuro, principalmente por se tratar de um grupo de artesãs, que já possui certa experiência com artesanato.

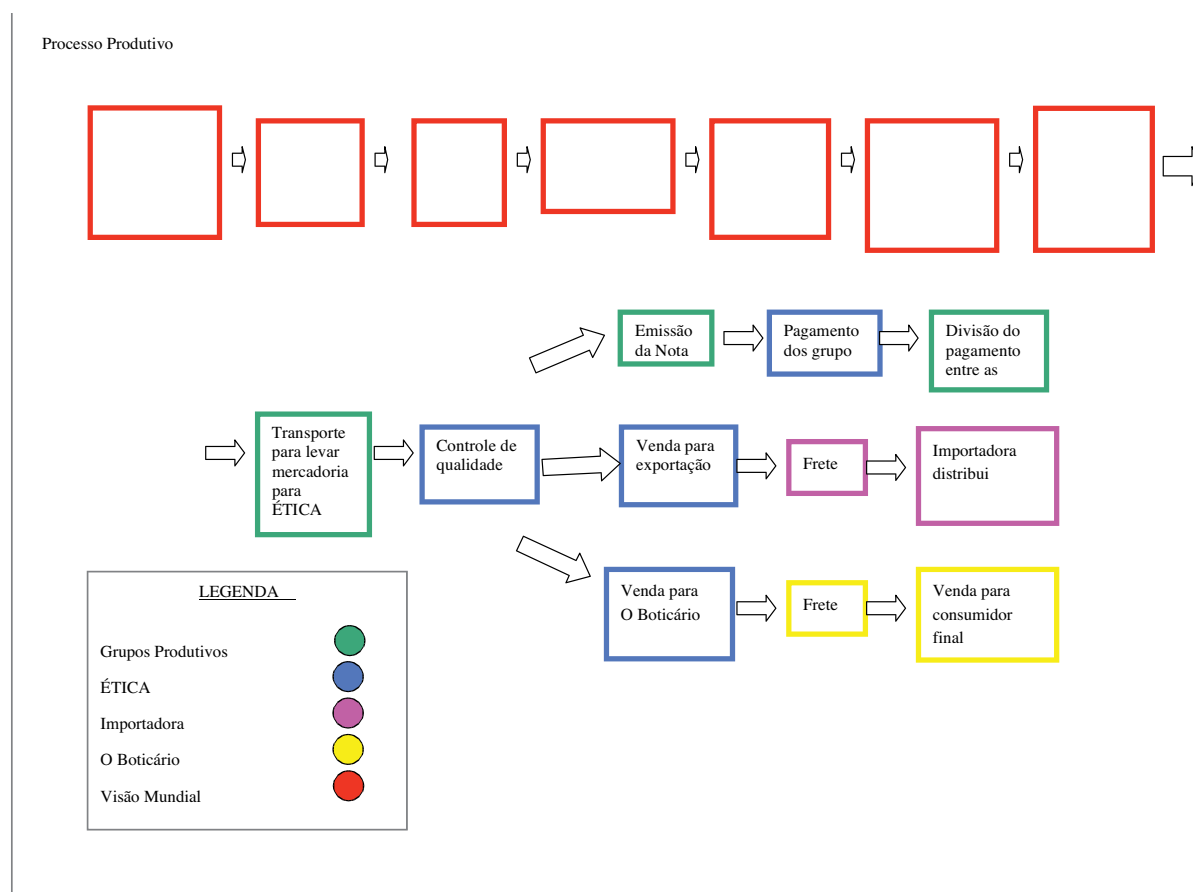
Além desses grupos em Gravatá, dois outros grupos são muito importantes para a análise, já que um deles tem bastante sucesso na sua empreitada, e outro possui uma formação muito diferente dos outros, enfrentando diversos problemas internos. Esses grupos se localizam em Carpina e Limoeiro, respectivamente.

Carpina é uma cidade que apresenta um pouco menos de 65.000 habitantes, com uma área territorial de 146Km<sup>2</sup>. AAMADA é uma associação de artesãs dessa cidade que também participa do projeto das “Bonequinhas Solidárias”. Pelo fato das mulheres já serem habituadas com artesanato, o grupo está se dando bem na produção das bonequinhas. Com lideranças já consolidadas e uma dinâmica própria o grupo consegue ter uma renda satisfatória. O grupo por já ser mais estruturado consegue vender algumas bonecas que não são aprovadas no controle de qualidade em feiras que participa.

Finalmente, Limoeiro apresenta um pouco mais de 55.000 habitantes, com uma área territorial de 270Km<sup>2</sup>. Esse grupo teve uma formação totalmente diferente dos outros. Nesse caso, a prefeitura da cidade foi quem procurou a Visão Mundial para que o projeto fosse levado para a cidade. Porém, as mulheres beneficiadas nunca tinham tido contato com artesanato. Elas eram, em sua imensa maioria, catadoras de lixo e desfiadoras de meia, atividade de baixíssima renda que garantem em média seis reais por semana. Portanto, a necessidade de geração renda é muito grande e emergencial. Mas, como é de praxe, para mulheres que nunca foram artesãs, as primeiras produções tiveram muitos erros, e assim

voltaram muitas bonecas, e a Ética precisou esperar juntar várias remeças para fazer um lote. O resultado disso foi que muitas mulheres que têm extrema necessidade de dinheiro para a própria sobrevivência e de suas famílias, não tinham fonte de renda. Como política compensatória, a Prefeitura passou a comprar partes da produção reprovada além de fornecer cestas básicas às mulheres.

Dessa maneira, temos um bom panorama dos grupos que foram objeto de análise para esse documento. É possível perceber que cada grupo possui as suas especificidades e estas não podem ser abandonadas. No entanto, aqui procuramos levantar as questões que são comuns entre eles. **Processo Produtivo**



13

## 2.2 Olhares

Para que seja feita uma discussão bem embasada sobre uma cadeia produtiva, ou mesmo de um projeto ou até de uma simples iniciativa de qualquer natureza é necessário entender quem está envolvido e qual o papel de cada um na ação. Ou seja, é preciso entender o olhar de cada ator para aquela cena.

A proposta aqui será explicitar esses “olhares” a partir do processo da produção, ou seja, acompanhando os fluxos desde a produção até a venda das bonequinhas. Assim, com um retrato de cada um dos atores será possível ter uma visão ampla de toda a cadeia.

### Visão Mundial

A Visão Mundial criou a ÉTICA junto com mais três instituições, visando gerar um empreendimento inovador que pudesse solucionar um problema recorrente dos grupos de produção socialmente vulneráveis: o escoamento do que foi



produzido. Sendo assim, mesmo que a empresa ÉTICA busque sua sustentabilidade e independência em relação à Visão Mundial, a relação entre as duas instituições é muito próxima. Para a Visão Mundial, a ÉTICA é uma empresa que apóia as iniciativas de geração de renda, proporcionando o acesso ao mercado dos produtos feitos pelos empreendimentos acompanhados pela Visão Mundial. Sendo assim, a ÉTICA, para quem trabalha na Visão Mundial, é considerada uma parceira. Claramente, elas trabalham juntas em busca dos seus objetivos.

A Visão Mundial acompanha os grupos e tem neles o objeto da sua missão, ou seja, é com o sucesso deles que a ONG terá cumprido suas metas. No entanto, consideram que a tarefa não é fácil já que, a formação de grupos produtivos com uma população de baixa renda e pouca escolaridade, possui muitos entraves. Mesmo assim, as pessoas que compõe a equipe da Visão Mundial, sempre manifestam a sua satisfação com o projeto e grandes esperanças são depositadas nele. Acreditam que se trata de um projeto diferenciado por atingir mulheres que costumam ter o seu tempo ocupado no cuidado com os filhos e nas atividades domésticas. A produção de bonequinhas, além de ser uma atividade muitas vezes agradável para as mulheres, também pode ser executada em casa concomitantemente com suas atividades diárias já que podem produzir em casa. Ou seja, consideram o produto extremamente adequado à realidade do público em questão.

Para a Visão Mundial o O Boticário não é o comprador perfeito para os seus produtos, pois não é uma empresa apenas de Comércio Justo. No entanto, acreditam que estabelecendo essa relação podem, não só beneficiar os grupos, como também trazer princípios mais solidários para essa organização. De qualquer maneira é o O Boticário quem garante a sustentabilidade do projeto já que garante a compra da produção de todos os grupos.

Ao montar os grupos e decidir em quais cidades executarão os projetos, a Visão Mundial não costuma procurar o poder público por acreditar que podem complicar o processo, no entanto se forem procurados e a parceria for viável, executam sem problemas.

A Visão Mundial considera os princípios da Economia Solidária adequados para o seu trabalho. Aham que a maioria dos princípios envolvidos na Economia Solidária estão de acordo com o que desejam para os grupos produtivos com quem trabalham.

Além disso, a Visão Mundial tem uma proximidade muito grande o “movimento” do Comércio Justo, caracterizando as suas ações dentro dos ideais desse movimento. Esse conjunto de instituições que lutam pela causa da comercialização solidária se espalha pelo mundo inteiro e é considerado um parceiro forte na troca de experiências e ajuda mútua. Todos eles seguem um rol de princípios em comum que pautam as suas buscas por um mundo mais justo. Além disso, esse movimento costuma usar selos de certificação que garantem que a produção é justa, no entanto, não existe nenhum selo brasileiro que seja adotado pelos agentes do Comércio Justo. Sendo assim, a Visão Mundial acredita que um dos grandes objetivos do seu trabalho será a partir de experiências como a das Bonequinhas, fazer um selo de garantia de comércio justo brasileiro.

### Ética

A ÉTICA tem o projeto das bonequinhas como mais um de seus clientes. Para ela, a venda das bonequinhas para o exterior ou para o O Boticário significam mais um serviço que lhe garantirá a chegada à sua meta, ou seja, a sustentabilidade.

A Visão Mundial é, para a ÉTICA, uma instituição muito importante pois foi quem lhe criou, mas mais do que isso é quem lhe garante muitos dos seus clientes. Isso ocorre, pois a Visão Mundial acompanha diversos grupos que escoam a sua produção através da ÉTICA.

A ÉTICA procura estabelecer a sua clientela de acordo com os princípios do chamado Comércio Justo. Inicialmente, a adesão da ÉTICA às práticas de Comércio Justo é mais branda para que ela se torne sustentável num país que não te a

cultura do Comércio Justo. Quando essas atividades já forem mais reconhecidas e a ÉTICA tiver sustentabilidade ela considera que terá maior liberdade para ser gerida de forma a estar mais próxima dos seus ideais.

Em geral, os produtores são grupos pequenos e os compradores são grupos grandes. A ÉTICA lida com isso de forma que a escolha dos compradores não é tão rígida e nem sempre segue o que gostariam as cartilhas de comércio justo, mas isso se dá por se tratar de uma prática nova e por a ÉTICA estar buscando a sustentabilidade. Os gerentes da ÉTICA colocam que, quando isso ocorrer, ela terá condições de ser mais rígida com os critérios para a escolha de possíveis compradores.

Para a ÉTICA o O Boticário é mais um cliente que não se caracteriza como os melhores e nem como os piores clientes quando se trata de Comércio Justo. Isso ocorre, pois, ele não tem lucro com essa atividade, mas também não é uma loja apenas de comércio justo. É um cliente amigável que busca melhorar a sua atuação na área. Por isso, a ÉTICA chega a considerá-lo um parceiro.

Por fim, os grupos representam para a ÉTICA também mais um cliente. No entanto, é um cliente de grande importância e visibilidade devido ao projeto em que está inserido.

Por se tratar de um produto muito específico e detalhado, a ÉTICA acredita ser necessário fazer um controle de qualidade rígido. Isso deverá se dar até que as produtoras adquiram mais prática na produção e possam julgar de maneira adequada o que agrada ao seu cliente. Além disso, por ser um público com menos contato com as exigências burocráticas, a ÉTICA busca fazer um atendimento mais cuidadoso aos representantes dos grupos produtivos.

### **Centro Josué de Castro**

Para Alzira Medeiros, coordenadora do Centro Josué de Castro, o Comércio Justo é um movimento que está ganhando forças agora e deve ganhar mais espaço nas discussões sobre o escoamento da produção de pequenos produtores. No entanto, coloca que sem uma abordagem cuidadosa, grandes grupos podem acabar sendo beneficiados, o que, inicialmente, não faz parte da proposta. Para ela, a certificação seria uma das maneiras de acabar privatizando esse processo já que permite que um órgão avalie e garanta a ação de determinados grupos.

Alzira sugere que o movimento do comércio justo atue nas compras públicas e em feiras próprias. Essas seriam maneiras de fazer do comércio justo um movimento mais democrático já que nas duas pontas ocorreria o beneficiamento público.

Ao falar do projeto da Visão Mundial, Alzira coloca críticas devido aos membros da ONG não representarem a iniciativa nos fóruns regional e federal de Economia Solidária. Segundo ela, a Visão Mundial acaba por ter uma imagem de querer se manter distante e diferenciada. Isso faz com que ela fique distante dos princípios de democratização do conhecimento, algo tão valorizado por aqueles que fomentam a Economia Solidária.

Apesar disso, Alzira coloca a importância da Visão mundial por sua militância de combate a pobreza e trabalho com crianças.

Por fim, ela coloca o problema deste projeto trabalhar com lideranças nos grupos, segundo Alzira, isso enfraquece o grupo, pois ele fica muito dependente de uma pessoa. Além disso, a formação de grupos não deveria ser tão imposta já que assim não se cria uma identidade de grupo, algo tão importante para o andamento do trabalho.

Segundo Alzira Medeiros, o SEBRAE tem importância na sua iniciativa por dar visibilidade às ações e pelo seu trabalho nas questões jurídicas. No entanto, não contribuem para a Economia Solidária por terem uma visão muito empreendedorística e seguirem a ideologia do capital.

## Grupos Produtivos

Numa convivência com diversos grupos foi possível traçar um perfil geral dos produtores e de seus olhares para esse processo. Claro que, em se tratando de um grupo muito heterogêneo de pessoas, algumas visões saem desse perfil.

Os grupos têm a figura da responsável da Visão Mundial pelo acompanhamento dos trabalhos como maior referencial de pessoa responsável pelo projeto. Ou seja, essa mulher que frequenta semanalmente ou quinzenalmente todos os grupos produtivos acaba por representar a ÉTICA e a Visão Mundial para os grupos. As mulheres não conseguem entender muito bem qual é a função da Visão Mundial e qual a função da ÉTICA, para elas as instituições se confundem. Elas entendem que são essas as instituições que realizam o projeto, mas ao serem questionadas sobre o que cada uma das instituições faz, elas não tem certeza das respostas. Mas garantem a importância delas ao comentarem que sempre aprendem muito nas oficinas dadas pela formadora da Visão Mundial.

Ao falar em ÉTICA, as produtoras pensam nas vendas e no controle de qualidade. Ou seja, para elas, a ÉTICA é a responsável por vender o que produziram e também por dizer do que foi feito, o que foi aprovado. Sendo assim, para os grupos, a ÉTICA está sempre associada ao controle de qualidade e o quanto será vendido. Apesar de, muitas vezes, uma proporção grande da produção não passar no controle, a maioria das mulheres nos disse que entendem que o controle de qualidade é necessário já que elas ainda não sabem fazer muito bem as bonecas. Em geral, as bonequinhas que voltam com defeitos e elas compreendem onde erraram, logo acham justificado o controle de qualidade.

Ao abordar temas como Economia Solidária e Comércio Justo, as produtoras não sabem do que se trata. Várias já ouviram falar, mas não se arriscam nem a explicar e nem se vêem dentro desse contexto.

O O Boticário para elas é a loja que vende as suas bonequinhas. Não sabem como e nem porque, afinal nunca viram seus produtos na loja. Muitas vezes essa parece uma realidade distante para elas. Quando o produto vai para a ÉTICA, para as produtoras é o fim do processo produtivo.

## Sebrae

Para o SEBRAE esse é mais um projeto que está dentro da sua missão de visar à inclusão produtiva e econômica no Brasil.

O SEBRAE pretende com esse projeto colocar em prática os conteúdos que serão parte de um guia prático para o pequeno produtor acessar o mercado de grandes compradores. Será feito um guia passo a passo para o produtor, outro para o comprador. Após isso, o SEBRAE deseja conseguir criar uma instrução normativa do Comércio Justo no Brasil, uma certificação.

Os representantes do SEBRAE consideram que a parceria com a Visão Mundial gera aprendizado e complementaridade das ações do SEBRAE. Enquanto um produz um material mais teórico, o outro experimenta na prática, evitando assim desperdiçar dinheiro e obter um resultado mais realista. No projeto o SEBRAE investe aproximadamente R\$300.000,00

## 2.3 Análise dos Olhares

### Formação de grupos: melhora na renda ou independência?

O claro entendimento por parte dos grupos do que acontece com o seu produto e quem faz parte do processo de escoamento é essencial para que um dia eles venham a ser independentes. Na verdade, não basta ter como pretensão uma emancipação econômica que se dá meramente com o aumento da renda. A verdadeira emancipação econômica é aquela em que não só uma renda seja garantida, como também o grupo seja independente e garanta o seu desenvolvimento pelas suas próprias pernas.

Aparentemente, o processo pelo qual passam as mulheres produtoras de bonequinhas solidárias, é uma busca determinada por um aumento de sua renda. Isso não apresentaria nenhum mal se viesse como fruto de um trabalho independente e consciente. As mulheres participantes desse projeto estavam, antes à margem da lógica de mercado e, portanto, quase não tinham contato com o mundo dos negócios. Ao se produzir algo novo (até para elas) para ser vendido numa grande empresa, em grande escala exige-se um certo dinamismo apreendido apenas com o tempo e experiência. Por isso mesmo, a organização Visão Mundial se propõe a dar o auxílio necessário para que essa inclusão ocorra de forma que as produtoras dêem conta do que estão fazendo. No entanto, resta saber se esse auxílio trará independência para as mulheres ou apenas garantirá uma maior renda a elas enquanto a Visão Mundial estiver por perto.

Após uma longa observação sobre como tem se dado o trabalho da Visão Mundial para com os grupos, pudemos perceber algumas falhas que, provavelmente, tem origem no planejamento das ações e acabam por prejudicar a busca por independência dos grupos produtivos. Aqui serão apresentados três fatores observados que podem estar influenciando o processo de fazer do grupo, empreendimentos independentes. O primeiro deles é o planejamento das ações por parte da Visão Mundial, o segundo é a importância de se respeitar as características próprias de cada grupo e, por fim, a distribuição dos profissionais da Visão Mundial no projeto.

A Visão Mundial, ao ter a intenção de formar e emancipar os grupos, deveria ter uma maior preocupação com o que do processo está sendo apreendido pelas produtoras, ou seja, saber exatamente o que deseja alcançar com o seu acompanhamento e o que de fato está alcançando.

Apesar de as fases de formação de grupo serem definidas pela Visão Mundial, os objetivos de cada fase não são bem claros. Esse planejamento poderia ser mais detalhado ao estabelecerem algumas metas a serem atingidas ou então passos a serem dados. Questões como: “quais conceitos deveriam ser apreendidos pelas produtoras?” ou “quais fases do processo serão explicitadas e em que momentos?” ou “quais atividades serão desenvolvidas para se chegar a esses conceitos?” deveriam ser bem trabalhadas pela equipe executora antes do início do trabalho e revistas durante ele. Mais do que isso, avaliações do andamento do trabalho poderia ser feitas com frequência, visualizando melhor o passo seguinte.

Após esse planejamento geral, faz-se importante que exista um olhar cuidadoso para cada um dos grupos, traçando os seus perfis e suas especificidades. Um tratamento totalmente padrão para todos os grupos, ou uma adaptação de programação mal feita pode levar o processo de formação de grupo a passar por cima de aspectos que seriam importantes para as produtoras que fossem levados em conta. Um grupo cujas mulheres são mães de crianças deficientes não pode passar exatamente pelo mesmo processo de um grupo cujas integrantes tem filhos não deficientes. Isso não se dá por se tratarem de pessoas que exigem um cuidado diferenciado, acarretando numa disponibilidade de tempo diferente e uma instabilidade gerada por imprevistos existentes no cuidar de seus filhos. Sendo assim, os responsáveis pelo acompanhamento desse grupo, se desejam a sua independência, precisam levar em conta todos esses aspectos e, assim, fazer um planejamento específico por grupo, assim como uma abordagem diferenciada com cada um. Dessa maneira, cada grupo também poderá aprender a lidar com suas próprias características de grupo.

Na convivência com as dinâmicas de grupo, foi possível perceber que muitas vezes os grupos passaram a ser um projeto individual da formadora responsável da Visão Mundial. Isso pode ser prejudicial, pois além do planejamento ficar em segundo plano, o grupo fica muito dependente dessa pessoa. O conhecimento dos detalhes de cada grupo quem detém é a formadora, logo quem pode lidar com isso é somente ela. Seria importante que o acompanhamento dos grupos fosse feito por mais de uma pessoa e que toda a equipe responsável pelo projeto se reunisse com certa frequência para discutir e sempre “replanejar” os passos dados com os grupos.

Assim, unindo um planejamento falho, um tratamento padrão dado a todos os grupos e uma única boa conhecedora de tudo isso, a sensibilidade do projeto e a potencialidade para um fracasso aumentam no processo de formação e empoderamento dos grupos.

Isso tudo fará sentido apenas depois de ter discutido se a independência dos grupos faz parte dos interesses da Visão Mundial como organização não governamental que busca melhorar as condições de vida das crianças no Brasil e no mundo. Acreditamos que fica difícil colocar isso em questão já que a Visão Mundial tem uma missão clara como foi aqui exposto e que, o seu sucesso como instituição se dá com o sucesso dos seus projetos. Logo, quanto mais grupos formarem e quanto mais pessoas forem trazidas por eles para o mercado de trabalho, melhores ficarão os seus indicadores de competência no trabalho que executam.

Sendo assim, pode-se dizer que a intenção existe e vontade também, no entanto existem problemas processuais que atravancam o sucesso do trabalho como é desejado. Aqui, foram colocadas algumas dessas falhas a título de observação para que se possa aperfeiçoar o trabalho, no entanto, entende-se a existência de dificuldades como obtenção de recursos suficientes para um trabalho de formação de grupos exemplar e os problemas existentes ao se lidar com um público tão vulnerável. É por isso que uma equipe trabalhando junta formada por profissionais qualificados é peça chave para que se alcance o sucesso, ou seja, a independência do maior número de grupos possível.

### **Formação de Grupos: os problemas da metodologia**

Ao fazermos as visitas a campo algumas questões nos inquietaram, a primeira delas era a relação das produtoras entre si, ou seja, se elas já se conheciam antes do projeto e se estavam trabalhando juntas por livre e espontânea vontade. A segunda, era se aquelas mulheres já faziam artesanato ou trabalhos manuais de costura antes do projeto ou se estavam fazendo pela primeira vez. Mais do que isso, tentamos olhar para a relação que tinham com aquele produto. Por fim, nos preocupamos com a estrutura montada em que se estabelece uma liderança fixa por grupo que tem remuneração e atividades especiais. O olhar para essas questões se deu por uma preocupação com o fortalecimento desses grupos. Ou seja, acreditamos que essa metodologia poderia acabar prejudicando alguns grupos por afetarem a sua estabilidade já que trata de questões de identidade.

Quando um grupo se forma para produzir junto é preciso que ele tenha uma certa identidade. Se cada um dos membros do grupo tiver um interesse e olhar muito diferentes dos outros, a probabilidade desse grupo entrar em conflito aumenta. Sendo assim, a relação entre os integrantes de um grupo pretensamente autogestionário é peça-chave para o bom andamento do trabalho. Ocorre que essa harmonia é algo que surge de dentro do grupo para fora, é muito difícil conseguir criar isso de cima para baixo, artificialmente. Quando a Visão Mundial se propõe a formar grupos que surgirão a partir de Associações já existentes, isso dá margem a diversas possibilidades de origem e formação dos grupos. Nas visitas, foi possível olhar para grupos em que as integrantes já trabalhavam juntas antes do projeto, outros formados por mulheres vizinhas e amigas, outros por mães de uma mesma escola e outros por pessoas que nunca haviam se visto antes. Esse fator claramente é determinante no desempenho de grupo. Um grupo com mais identificação pode lidar com os conflitos de maneira mais positiva para o andamento do trabalho, não ficam parados em certas questões e, muitas vezes, nem precisam passar por determinadas fases problemáticas. A harmonia das integrantes é algo que não se explica facilmente, porém é visível que quando já existe uma afinidade entre as produtoras, o andamento do trabalho é melhor.

Além disso, existe a questão da familiaridade com o produto. Aqui não está em questão o processo de aprendizado da técnica da produção, mas sim da afinidade com a natureza do trabalho. Ser artesão é uma profissão como qualquer outra, exige uma identificação e um prazer em executá-la. Uma pessoa não escolhe estudar medicina se não pode lidar com doentes. Sendo assim, as profissões são fruto de escolhas. Acontece que, muitas vezes, os projetos sociais, na tentativa

de gerar renda, propõe um caminho que, nesse caso, é o do artesanato. E como projetos sociais geralmente estão ligados à situação de pobreza e falta de perspectiva, essa escolha da profissão é uma fase inexistente na vida dessas pessoas que têm que se tornar artesãos, pois não tem outra opção. Mas isso tem conseqüências não só na qualidade do trabalho como também na satisfação daquele indivíduo. A perspectiva de estar numa profissão com a qual não há identificação e permanecer fazendo algo que não gera prazer é algo muito degradante para um ser humano. Ainda mais quando se faz isso por falta de opção.

Nós tivemos a oportunidade de estar com sete grupos e pudemos perceber as diferenças entre eles claramente. Para uma análise simples podemos dividi-los em 3 grupos maiores: os grupos de Limoeiro, os grupos de Gravatá e o grupo de Carpinas.

O grupo de Carpinas já existia antes do projeto como um grupo de artesãs que já produziam junto. Ou seja, já se conheciam, formavam um grupo e já faziam artesanato. Dessa maneira pudemos ver um trabalho bem estruturado com pessoas tendo prazer no que faziam. O resultado disso era uma produção mais organizada e um estágio mais avançado de discussões, já que a formação como grupo já existia.

Os grupos de Gravatá estão em fase de formação. Alguns são compostos por mulheres que se conheciam, outros não. Algumas delas já eram artesãs outras não. Assim, foi possível verificar uma diversidade no andamento dos trabalhos. Claro que como todos estão em formação a fragilidade era maior, mas quando as produtoras já se conhecem ou tem algo em comum é mais rápida a chegada numa harmonia de grupo. Assim como quando elas já são artesãs ou quando não o eram, mas acham ali um prazer, a satisfação com o trabalho é maior e a produção, conseqüentemente, tem um nível melhor.

Os grupos de Limoeiro são fruto de uma política da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura que acreditou que esse projeto seria uma boa alternativa para tirar pessoas de condições extremas de pobreza. Sendo assim, foram formados grupos de mulheres que não tinham quase nada em comum, ou seja, além de não se conhecerem, não viviam situações parecidas, não estavam lá em busca de algo em comum, ou seja, não tinham um projeto comum. Não bastando isso, a maioria das mulheres nunca tinha tido contato com artesanato e muitas delas não viam o menor sentido naquilo. O que vimos lá foi um monte de mulheres desesperadas para alimentar as suas famílias, mas que não entendiam direito nem como e nem porque esse projeto seria bom para elas. Aquelas mulheres já estavam produzindo fazia alguns meses, mas não tinham tido nenhuma leva de bonequinhos aprovada pela ÉTICA para seguir para o O Boticário. O caos estava instaurado com brigas e desentendimentos sem motivo e uma sensibilidade muito grande a qualquer instabilidade. Ou seja, um retrato do que a formação de grupos feita de cima para baixo pode causar.

Com esses três exemplos é possível verificar o que a identidade pode gerar num grupo. O processo de formação de grupos se torna algo ainda mais complexo quando exige uma sabedoria em aliar relações que já existem naturalmente e que não devem ser impostas.

Por fim, a discussão em torno das lideranças. Quando se estabelece uma líder por grupo e esse cargo não é rotativo abre-se uma margem para alguns problemas. O primeiro é a possibilidade de se estabelecer uma hierarquia num grupo que, teoricamente, deveria ser autogestionário. Isso é problemático se essa relação se tornar de patrão-empregado, como pudemos observar em um dos grupos cuja liderança lidava com as outras mulheres como se fossem pessoas que produzissem para ela. Com isso, um dos objetivos do projeto está ferido, pois o grupo deixa de ser autogestionário, pode-se dizer que foi criada uma micro-empresa que gera benefícios desiguais para as pessoas. Uma maior remuneração para alguém não necessariamente é um problema caso seja proporcional ao que trabalha e que não se torne uma ferramenta de poder.

O segundo problema é mais fácil de enxergar. Quando se tem uma liderança que exerce uma função específica que ninguém mais sabe fazer, o grupo fica dependente dessa pessoa. Caso essa pessoa deixe o grupo, ele correrá sérios riscos de acabar, pois não terá ninguém que possa exercer essas funções.

Dessa maneira, esses três fatores aqui descritos (a liderança, a relação com o produto e a identidade do grupo), podem acabar por fragilizar os grupos. O trabalho para amenizar esses aspectos faz do processo de formação de grupo algo mais complexo e árduo. No entanto, são pequenas coisas que fazem alguma diferença no momento atual e que serão determinantes quando os grupos tentarem se tornar independentes.

### **ÉTICA: empresa ou ONG?**

A ÉTICA se propõe a ser uma empresa que faz “trading”, ou seja, faz a ligação entre o produtor e o consumidor. No entanto, ela lida com fornecedores específicos que exigem certos cuidados, já que a maioria deles nunca teve contato com o mercado tradicional. Mesmo assim, a ÉTICA deveria tomar certos cuidados na sua conduta para garantir que o seu trabalho não seja nem assistencialista e nem muito impessoal. A grande dificuldade desse processo é conseguir ser uma empresa que cumpra a sua função e alcance os seus objetivos já que ela ocupa um espaço e tem um papel que tem limites não muito claros.

A ÉTICA é uma empresa contratada pelos produtores, logo ela deve oferecer um serviço que eles, conscientemente, contratam, acreditando que essa será uma boa solução para o escoamento da sua produção. A ÉTICA é uma empresa ltda. gerida sem fins lucrativos e o papel que exerce é de empresa e não de ONG. Ou seja, o seu objetivo não é o de formar grupos, mas sim de oferecer um serviço aos grupos. Imagine uma empresa tradicional de “trading”, ela existe porque determinados empreendimentos acreditam que o melhor para o seu negócio é contratar uma outra empresa para cuidar do escoamento da sua produção, ou seja, é uma terceirização. Isso se dá, pois, por diversos motivos os administradores de tal empreendimento acreditam que não é interessante fazer esse serviço internamente na empresa com seus próprios funcionários, isso geraria mais custos, valendo mais a pena, a terceirização. A ÉTICA está na posição dessa empresa contratada, no entanto ela lida com um público específico que muitas vezes ainda não tem maturidade suficiente para fazer da ÉTICA uma escolha consciente.

Dessa maneira, a ÉTICA precisa estabelecer um certo tipo de tratamento que não dificulte ainda mais o caminho dos grupos, mas que não invada o espaço que é, nesse caso, da Visão Mundial de formação de grupos. Para isso a ÉTICA precisa manter sua equipe formada e treinada para lidar com as dificuldades dos seus clientes, mas esse auxílio não deve passar do limite estabelecido pelo seu caráter de empresa contratada.

Um bom exemplo dessa confusão de papéis é o controle de qualidade feito pela ÉTICA das bonequinhas produzidas. Existe uma pessoa da ÉTICA responsável por olhar boneca-a-boneca produzida e julgar se essa deve ou não seguir para o O Boticário. Será que isso faz parte do papel da ÉTICA no processo? A ÉTICA tem interesse que as bonecas sejam de boa qualidade para que o seu cliente da outra ponta fique satisfeito. Porém, esse não é o procedimento padrão feito com todos os fornecedores. A ÉTICA, em geral, faz uma avaliação da condição dos produtores de se tornarem fornecedores e, se aprovados, a ÉTICA garante a qualidade. Sendo assim, a ÉTICA deveria fazer um controle da qualidade, mas esse controle minucioso que é feito faz parte da formação dos grupos, já que existe enquanto as produtoras estão em fase de aprendizado das técnicas de produção. Sendo assim, essa seria uma função da Visão Mundial.

O controle de qualidade, além de representar um exemplo de confusão interna do papel da ÉTICA, ele explicita um outro problema que é o da mistura entre as funções da ÉTICA e da Visão Mundial nesse processo. O contato próximo entre as duas instituições faz com que as funções exercidas por cada instituição se confundam na cabeça dos grupos e até na prática das ações delas mesmas no dia-a-dia. Na maioria das vezes o fluxo de informações passa entre ÉTICA e Visão

Mundial, mas não chega ao grupo, quando, na verdade, essa relação deveria se dar via grupos produtivos. Ou seja, o grupo se relacionaria com a ÉTICA para algumas coisas e com a Visão Mundial para outras. Assim, além de cada uma exercer somente o que lhe compete, os grupos também compreenderiam melhor o papel de cada uma delas.

A hipótese levantada aqui é que, na verdade, a problemática existente no papel da ÉTICA nesse processo deve ser fruto da sua relação tão próxima com a Visão Mundial. Afinal, nos parece que tal problema não existe com outros grupos já mais fortalecidos ou não acompanhados pela Visão Mundial. Como a ÉTICA é uma criação da Visão Mundial, a gestão das duas, apesar de separadas, parece se confundir. No entanto, quando os grupos forem independentes, provavelmente se desligarão da Visão Mundial, mas não necessariamente da ÉTICA e é por isso que a divisão do que compete a cada uma deve ficar claro desde já.

### Qualidade para quem?

O controle de qualidade feito pela ÉTICA sobre as bonequinhas solidárias gera um certo desconforto para alguns, enquanto que para outros parece ser uma política essencial. O fato gerador de tal discussão está na pergunta: “qualidade para quem?”.

O conceito de qualidade é um tanto quanto subjetivo já que o que é qualidade para um pode não ser para o outro. Isso ocorre, pois as preferências variam de pessoa para pessoa e as prioridades também. Essas preferências variam desde as escolhas mais simples da vida até questões mais complexas. Qualidade é um conceito presente na escolha de uma caneta, bem como na escolha de um marido ou esposa. Sendo assim, fica fácil enxergar que qualidade faz parte do dito popular: “gosto não se discute”.

Um controle de qualidade só faz sentido se foi feito a partir de um padrão de qualidade e isso é algo imposto e determinado por alguém. Sendo assim, para alguns aquele padrão condiz com o seu conceito de qualidade e para outros não.

Em geral, as produções industriais maquinizadas conseguem fazer uma produção quase idêntica entre si. Este é um valor reconhecido como importante para as empresas, já que o consumidor poderá ter a garantia da qualidade perene dos produtos. Ou seja, se comprar um produto e depois de um mês quiser comprar outro, o consumidor poderá confiar que terá o mesmo bem em mãos com a mesma qualidade. Isso gera confiabilidade e fidelidade do cliente, algo muito importante para as empresas.

Enquanto isso, o artesanato costuma ser valorizado por seu trato singular. Ou seja, por ser feito cuidadosamente um a um e cada produto ter as suas especificidades. Sendo assim, duas esculturas feitas pela mesma pessoa, mesmo que sejam pretensamente iguais, elas não o serão já que é muito difícil fazer com que todos os detalhes fiquem idênticos. Ao falar em artesanato isso não é um problema pois o público que, em geral, compra esses produtos não se importa com essas diferenças, pelo contrário, muitas vezes, dão muito valor pela unicidade das peças.

Quando o O Boticário, uma grande empresa, acostumada a lidar com padrões de qualidade, resolve vender bonequinhas artesanais na sua loja ela se propõe a unir duas tipologias de produtos que, teoricamente, tem naturezas diferentes. Quando isso ocorre, o conflito sobre o que é qualidade vem à tona com mais força. Nesse momento passa a ser difícil definir aquele produto, afinal os limites do que faz dele algo singular como um artesanato e que ao mesmo tempo tem uma garantia do modo como foi produzido são muito tênues e difíceis de serem estabelecidos.

Fruto desse conflito nasce um padrão de qualidade que determinará o que é permitido e o que não é. Define-se assim o que pode e o que não pode ser vendido numa loja O Boticário. Assim, as dificuldades com a natureza do produto são retiradas da subjetividade. No entanto, é aí também que começam a surgir as discórdias e o questionamento se esse padrão não fere a natureza do produto.



Claramente a origem dessa discussão está na tentativa de misturar dois mundos que não costumam coexistir num mesmo espaço: o do artesanato e o do produto industrializado. No entanto, as duas iniciativas podem se ajudar e se ninguém se aventurar em tentar achar o melhor caminho para que elas se encontrem, oportunidades podem ser abortadas antes mesmo de geradas. Talvez depois de algumas tentativas se chegue à conclusão que são realmente incompatíveis, talvez não, ou talvez não se chegue à conclusão nenhuma. Depende do conceito de qualidade de cada um.

### **O Boticário: Responsabilidade Social ou Comércio Solidário?**

A experiência da venda das bonequinhos solidárias nas lojas O Boticário usando o nome de Comércio Solidário nos levanta uma dúvida sobre qual é exatamente a natureza dessa iniciativa. Todos sabem que as empresas, atualmente, estão muito preocupadas em ter uma área de responsabilidade social bem desenvolvida e quanto mais se diferenciarem nesse aspecto melhor. Sendo assim, fica a dúvida se, para o O Boticário essa é realmente uma iniciativa de Comércio Solidário ou, na verdade, mais um política de responsabilidade social em que o verdadeiro apelo tem natureza “marketeira”.

Antes de qualquer questionamento, faz-se necessária uma discussão do que consiste uma ação de Comércio Solidário e o que define uma ação de responsabilidade social e, por fim, se são compatíveis. Apenas depois disso poderá se concluir a natureza da ação do O Boticário.

Atualmente tem sido prática comum das empresas efetuar ações chamadas de responsabilidade social como se fosse uma boa ação que fazem para a sociedade. No entanto, sabe-se que existem interesses financeiros das empresas nessas políticas. Esses interesses vão desde isenções fiscais até simples jogadas de marketing que fazem com que as vendas aumentem. Ou seja, ou o benefício é direto e o resultado financeiro é rápido, ou é indireto em que se altera a imagem da empresa e isso melhora a sua relação com o consumidor, gerando resultados financeiros. O problema dessas políticas está no imaginário dos consumidores que acreditam que está sendo feito um favor à sociedade, quando, na verdade, o empresário não faz mais do que sua obrigação já que desfruta de bens proporcionados pela sociedade e, em cima disso, ainda tem mais lucro.

O movimento do chamado Comércio Solidário é composto por diversas instituições que seguem determinados princípios e práticas, buscando promover uma comercialização de produtos mais democrática. Sendo assim, os princípios básicos são: justiça social; transparência; remuneração justa para o produtor; solidariedade; desenvolvimento sustentável; respeito ao meio ambiente; promoção da mulher; defesa dos direitos das crianças; transferência de tecnologia e empoderamento dos indivíduos. Vamos supor aqui que a produção das bonequinhos vá evoluir e alcançar o seu objetivo no final do processo (aqui se pretende discutir apenas a parte da produção que diz respeito ao O Boticário). Sendo assim, cabe botar em questão se o O Boticário é uma empresa de Comércio Solidário que se adequa ao que esse movimento julga ser uma empresa de Comércio Solidário. Segundo Stefan Durwael, diretor da International Fair Trade Association (IFAT), existe uma diferenciação entre produto de comércio justo e organizações de comércio justo. Durwael (2007) afirma que “produtos de comércio justo são uma coisa que essas grandes empresas podem colocar no mercado”.

Como o O Boticário é uma empresa que tem fins lucrativos e o rol de produtos, majoritariamente, não é de produtos de comércio justo, seria adequado colocá-la na esfera de empresa que vende um produto de comércio justo e não propriamente uma empresa de comércio justo. Essa seria, provavelmente, a maneira que as instituições que trabalham na discussão do Comércio Justo classificariam o O Boticário.

Sendo assim, poderíamos nos perguntar o por quê do O Boticário fazer esse trabalho com as bonequinhos solidárias. Afinal, sendo uma empresa que tem fins lucrativos, ela buscaria apenas aumentar os seus rendimentos. No entanto, a bonequinha solidária não gera lucro para a empresa. Aí é que entra a discussão da responsabilidade social e do marketing.

É interessante reparar que a área responsável por esse projeto dentro do O Boticário é a de Marketing, ou seja, a área que cuida da imagem da empresa. O O Boticário não tem lucro direto com esse trabalho, mas no momento que isso entra como ferramenta de sensibilização do seu consumidor que passa a acreditar que a empresa tem uma preocupação social, ele gera ganhos indiretos já que fideliza o seu cliente. Isso não necessariamente é algo negativo, caso a empresa tivesse uma preocupação com o impacto de todas as suas ações e essa não fosse apenas uma política compensatória.

Aparentemente, o O Boticário usa o Comércio Justo como uma ferramenta de fazer a sua imagem de responsável social. Se isso é correto ou não cabe a cada um julgar. Desde que a as intenções estejam explicitadas cada pessoa ou instituição deverá fazer o seu juízo da política. Com certeza os militantes do “Movimento do Comércio Justo” terão opiniões diferentes do empresariado, que também terão opinião diversa de outras pessoas ou instituições.

A partir dessa reflexão fica o questionamento de qual será o verdadeiro compromisso do O Boticário com essas mulheres artesãs do interior de Pernambuco. Faz-se importante que não só isso fique claro para as instituições envolvidas no projeto como também para as produtoras. Dessa maneira, o projeto daria um passo importante no que tange a participação das produtoras e o empoderamento delas sobre o seu empreendimento.

## 2.4 Discutindo as Possibilidades

Acreditamos que para discutir as possibilidades desse projeto crescer e se desenvolver mais ainda, alguns questionamentos precisam ser feitos pelos atores dessa cadeia produtiva. É interessante que cada um desses atores busque responder algumas perguntas para que alguns aspectos fiquem claros para eles mesmos e para os outros participantes do projeto. Assim, poderá existir uma harmonia maior entre as pessoas envolvidas. A fim de esclarecer essa proposta, aqui foi elaborado um rol de perguntas a serem respondidas como sugestão de roteiro dessa proposta.

### Visão Mundial

Eu trabalho pelos interesses de quem?
Até onde tirar o foco das crianças não atinge a minha missão?
Qual é o meu papel com os grupos?
O que eu desejo para os grupos?
Quais os trabalhos que devem ser feitos para a chegada nesses objetivos?
Quais as funções que são exercidas aqui?
Que perfil de pessoas eu preciso para exercer essas funções?
Como eu deveria contratar essas pessoas?
Qual a importância de ter atividade que se complementem?
Como otimizar os meus trabalhos com as minhas próprias atividades?
Como escolher os grupos com que trabalho?
Eu devo escolher os grupos ou os grupos devem me escolher?
Como eu defino a região em que trabalho?
Por que executar esse projeto nessas cidades?

**Produtoras**

Por que eu me envolvi nesse projeto?
Por que eu faço parte desse grupo?
Por que eu faço bonequinhas?
Onde eu vou chegar com esse projeto?
O que é a Visão Mundial para mim?
O que é a ÉTICA para mim?
O que é o O Boticário para mim?
Como eu me sinto nesse grupo?
Isso é um empreendimento?
Eu sou dona desse empreendimento?
Por que eu devo ir às formações promovidas pela Visão Mundial?
O que as outras produtoras são minhas?

**O Boticário**

O que me move?
Como eu faço para cumprir os meus objetivos?
Onde está inserido o projeto bonequinhas solidárias nesse processo?
O que eu vejo nas bonequinhas solidárias?
Qual o meu compromisso com esse projeto?
Por que escolher essa causa?
Como vincular essa causa aos meus objetivos?
Até onde vai essa parceria?
Como esse projeto pode influenciar a minha estrutura já existente?
Eu tenho interesse que influencie?
O que é a ÉTICA para mim?
O que é a Visão Mundial para mim?
O que são os grupos produtivos para mim?
Qual o meu interesse em fazer um projeto no Nordeste brasileiro?
Qual o meu compromisso com essas cidades?

**Ética – Comércio Solidário**

Qual é o meu verdadeiro fim?
Por onde eu posso chegar aos meus objetivos?
Como será a relação com os meus compradores?
Como será a relação com os meus fornecedores?
Quais os requisitos para se tornar meu fornecedor?
Quais requisitos para ser meu comprador?
O que vem primeiro, a vontade do comprador ou do fornecedor?
Quais funções são exercidas na empresa?
Qual o perfil das pessoas que deverão cumprir essas funções?
Como encontrar essas pessoas?
Que papel a Visão Mundial tem no cumprimento da minha missão?
Que papel tem os fornecedores no meu trabalho?
Que papel tem os compradores no meu trabalho?
Quem deve me procurar primeiro, o fornecedor ou o comprador?

### 3. Conclusão

#### Reflexão Teórica

A miséria é filha do subdesenvolvimento, mas não é qualquer modo de desenvolvimento que a faz desaparecer (ABRANCHES, 1998).

Numa discussão sobre pobreza, o que mais se leva em conta são as condições financeiras. É muito comum que se avalie qualquer iniciativa a partir da renda gerada por ela. Mais do que isso, é comum que se avalie o desenvolvimento de um país pela renda per capita da população. No entanto, sabe-se que a pobreza traz consigo questões que vão muito além dos problemas financeiros. Um projeto que pretende fazer com que as pessoas passem a ter uma qualidade de vida melhor e uma existência mais completa precisa proporcionar outras coisas além de renda.

Quando Friedmann coloca os sentidos de necessidade fica claro que existe uma evolução do que se considera importante para a existência de um indivíduo. Basicamente, o autor divide em 4 grupos de sentidos para a palavra necessidade. O primeiro diz respeito ao que se quer intensamente, aos desejos individuais que podem ou não serem satisfeitos e que quando não o são geram frustração e descontentamento. Na verdade, essas seriam as necessidades menos essenciais em que os que tem ficam satisfeitos, os que não tem ficam insatisfeitos, mas sobrevivem normalmente sem satisfazê-las. O segundo é o que chamou de relação funcional, ou seja, é algo necessário como meio para se obter um determinado fim; o terceiro são aqueles que se tornam agenda política para determinados grupos. Ou seja, são aquelas necessidades que se tornam argumentos políticos. É possível que essa argumentação seja feita nos moldes das necessidades tipo anterior ou do tipo quatro. Essas são aquelas que já são aceitas como necessidade básica garantida, a demanda é politicamente aceita. (FRIEDMANN, 1992)

A partir dessa conceituação podemos perceber que a o autor vai de uma necessidade reconhecida como menos importante para uma necessidade mais reconhecida como fundamental. A Constituição brasileira começa assim:

Art. 1º - A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I - a soberania;

II - a cidadania;

III - a dignidade da pessoa humana;

IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V - o pluralismo político.

A partir daqui seria possível tentar mapear quais são as necessidades (do segundo tipo caracterizado por Friedmann) específicas que compõem direitos como “cidadania” e “dignidade da pessoa humana”. Normalmente, a primeira coisa que se pensa é no acesso à renda, porém dignidade não necessariamente é alcançada pela quantidade de dinheiro obtida pelo indivíduo. Pobreza, segundo Peter Spink:

(...) contempla realidade diversas, às vezes mensuráveis, às vezes, não e está diretamente ligada às questões fundamentais da cidadania, da solidariedade coletiva e da democratização da sociedade (SPINK, 2007).

Sendo assim, existem diversas maneiras de se imaginar o combate à pobreza. Alguns deles se referem à participação, empoderamento e emancipação. É possível dizer que a emancipação engloba o processo de empoderamento que, por sua vez, envolve participação. Ou seja, o primeiro passo seria a participação, depois disso seria possível pensar em empoderamento e só então seria cogitável um processo de emancipação.

A participação é importante para que o indivíduo deixe de ser passivo e manipulado já que garante que as vontades de cada um façam parte das decisões a serem tomadas. Ninguém sabe mais o que é melhor para um indivíduo do que ele mesmo.

Nenhum ator político ou econômico tem o direito de impor-me algo sob a justificativa de que é para o meu bem, sem dar-me os instrumentos institucionais de me informar, de manifestar a minha opinião, e de participar do processo de decisão.(DOWBOR, 2002)

A perspectiva de que existe um detentor de conhecimento que pode dizer o que é melhor para um ou para outro é muito comum. Da mesma maneira, é muito comum que as organizações sociais façam o papel de conhecedoras do que um indivíduo precisa e não o envolvam nas decisões da própria vida. Sendo assim, um projeto que prevê garantir algum direito de alguém precisa propor um processo participativo em que aquelas pessoas participem das decisões que afetarão a sua própria vida e assim aquele trabalho terá um real significado para ela.

Garantir a participação não significa necessariamente ter alcançado o empoderamento. Uma pessoa que participa de um processo de decisão, não necessariamente lida com aquilo como se fosse algo seu. Por exemplo, em uma cooperativa não basta uma pessoa dar o seu voto, é preciso que ela vote entendendo que aquilo é parte de um projeto do qual ela é dona tanto quanto as outras pessoas e não está ali como uma mera empregada. Ou seja, o processo de empoderamento passa pela revisão das relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos e entre os sujeitos e o processo em questão (SPINK, 2007).

Friedmann coloca em seu livro Empowerment quesitos da vida de um indivíduo que se estiverem devidamente sob poder deste, o processo de inclusão terá sido satisfatório. São eles: um espaço físico, ambiente amigável; o tempo disponível adicional ao do trabalho para atividades de subsistência (como o tempo para ir ao médico, ou se deslocar até o trabalho); o acesso a conhecimentos e habilidades; acesso a informações específicas apropriadas (como métodos do cuidado com crianças ou cuidados básicos com a saúde); organizações sociais formais ou informais em que o indivíduo está inserido, redes sociais (que podem ou não ser frutos das organizações sociais em que o indivíduo está inserido), acesso a instrumentos de trabalho e vida diária (como utensílios de cozinha ou ferramentas de trabalho) e, por fim, recursos financeiros (FRIEDMANN, 1992). Dessa maneira fica claro porque a renda não basta na vida de um indivíduo. Esse é um dos aspectos que deve estar sob seu poder. Esse processo de empoderamento tem como uma de suas condições a participação. E, para que se chegue à emancipação é preciso que o empoderamento se dê em todos os aspectos.

Emancipação é sempre um conceito difícil de se alcançar. Existem muitas discussões sobre o que é exatamente emancipação. Pode-se falar em emancipação econômica, política, social, etc.

Usar a palavra emancipação é no mesmo momento agressivo e libertador; é uma indicação das circunstâncias nas quais as pessoas se encontram e também um movimento de mudança. Não presume incompetência e muito menos a sua falta de ânimo; ao contrário aponta claramente para a situação. (SPINK, 2007)

A busca pela emancipação é constante já que cada um vê um caminho para chegar a ela e, mais do que isso, cada um dá um significado para ela. No entanto, podemos considerar que um processo de empoderamento de ampla abrangência pode ser uma maneira de se chegar perto dela. E esse processo é de cada um, porém mais do que isso é do meio em que essas pessoas estão inseridas. Spink (2007) afirma que o lugar dos processos emancipatórios é o lugar do horizonte diário, da reconstrução de relações possíveis.

## A prática

Agora cabe refletir se o projeto Bonequinhas Solidárias promovido no interior de Pernambuco fomenta algum desses três conceitos. Será que esse projeto pretende promover participação e/ou empoderamento e/ou emancipação? Como ele pretende fazer isso? Será que as pessoas que executam esse projeto tem em mente, como objetivos, o fomento de práticas que levem à emancipação dos indivíduos?

Ser um projeto que visa o combate a pobreza não é o suficiente para saber qual é o compromisso real dessas pessoas e organizações com os beneficiados e qual é o verdadeiro significado dessas ações para essas mulheres. Não é possível com um projeto que pretende unicamente gerar renda, visualizar uma sociedade que esteja apoiada em bases diferentes das atuais. Ações como essa da Visão Mundial, ÉTICA – Comércio Solidário e seus parceiros poderiam significar um passo importante numa mudança estrutural da sociedade que começa pela emancipação do indivíduo, pela mudança da relação dele com a sociedade.

No atual cenário, parece não haver saída. Parece não haver condições para que a sociedade, por meio da livre associação de seus cidadãos, promova inovações políticas que criem novos espaços públicos, novos atores políticos, novos padrões democráticos e solidários de regulação social. (BAVA, 2002)

Parece-nos que a extrema preocupação com a renda dessas mulheres, apesar de ser muito nobre e importante, não é o suficiente para visar a sustentabilidade do projeto e mais do que isso, para promover uma ação comprometida com uma mudança estrutural na situação de pobreza e desigualdade que atinge a nossa sociedade. No entanto, é um projeto que tem condições de significar um dos passos necessários para a chegada num “novo padrão democrático e solidário de regulação social”, basta ter uma preocupação maior com isso e trabalhar consciente dos seus objetivos e necessidades. Um projeto social dessa escala precisa ter um compromisso bem definido com os beneficiados e com a sociedade e procurar sempre chegar no que se deseja com exigência de coerência e qualidade.

## Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Sérgio Henrique. Política social e combate à pobreza: a teoria da prática. – 4. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

AGENDE ações em gênero, cidadania e desenvolvimento. Considerando as diferenças de gênero: para uma política de igualdade entre homens e mulheres. Novos contornos da gestão local: conceitos em construção / Silvio Caccia-Bava, Veronika Paulics, Peter Spink - organizadores. São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2002.

BAVA, Silvio Caccia. Participação, representação e novas formas de diálogo público. In.: Novos contornos da gestão local: conceitos em construção / Silvio Caccia-Bava, Veronika Paulics, Peter Spink - organizadores. São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2002.

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988 / obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes – 36. ed. Atual. E ampl. – São Paulo : Saraiva, 2005.

DOWBOR, Ladislau. O Mosaico Partido: ( a economia além das equações) – Ladislau Dowbor. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

DURWAEL, Stephan. Entrevista: Stephan Durwael. Comércio Justo Brasil, Recife, Num. 1, p.12-17, Março. 2007.

FRIEDMANN, John. Empowerment – The Politics of Alternative Development – Oxford: Basil Blackwell, 1992.

MANCIE, Euclides André, Como organizar um sistema de certificação participativa. In: Como organizar redes solidárias – Rio de Janeiro: DP&A, Fase, IFIL, 2003.

SPINK, Peter. Parcerias e alianças com organizações não estatais. In.:Novos contornos da gestão local: conceitos em construção / Silvio Caccia-Bava, Veronika Paulics, Peter Spink - organizadores. São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2002.

SPINK, Peter. Processos Organizativos e Ação Pública: as possibilidades emancipatórias do lugar, 2007 (mimeo)



**Filmes**

Práticas Públicas em Construção – Vol.1 – Programa Gestão Pública e Cidadania

Agricultura Familiar: tradição que tem futuro – Série Práticas Públicas em Construção – gestão Pública e Cidadania

Escola Livre de Olinda – Gestão Pública e Cidadania

PROVE – Gestão Pública e Cidadania

**Sítios**

[www.bnb.gov.br/](http://www.bnb.gov.br/)”[www.bnb.gov.br](http://www.bnb.gov.br/)

[www.eticabrasil.com.br/](http://www.eticabrasil.com.br/)”[www.eticabrasil.com.br](http://www.eticabrasil.com.br/)

[www.visaomundial.org.br](http://www.visaomundial.org.br/)